

Índice

Presentación.....	11
--------------------------	-----------

Dossier

**Las asociaciones empresariales latinoamericanas en el siglo XX:
radiografía de un poder enigmático**

Coordinado por María Inés Barbero y Aníbal Jáuregui

**Introducción: Las asociaciones empresariales latinoamericanas en el siglo
XX: radiografía de un poder enigmático**

María Inés Barbero y Aníbal Jáuregui.....	15
--	-----------

**Organizaciones empresariales en el norte de México. Agricultores, indus-
triales y Estado (1930-1982)**

Mario Cerutti	37
----------------------------	-----------

Aproximación a la historia de los gremios empresariales en Colombia

Carlos Caballero Argáez	85
--------------------------------------	-----------

**Gremialismo empresarial en Chile: de la reacción a la propuesta (1973-
2023)**

Ángel Soto y Cristian Garay	129
--	------------

**Análisis de la asociación de empresarios industriales de Uruguay en el
período 1945-1965**

Melissa Hernández	167
--------------------------------	------------

La elite corporativa industrial en los años del kirchnerismo: permanencia y estabilidad (2003-2015)

Marina Dossi 209

La Sociedad Rural Argentina frente al Estado, la construcción de un discurso anti-intervencionista y su comportamiento corporativo, 1946-1966

Leandro Sowter 249

Reseñas

New Developmentalism: Introducing a New Economics and Political Economy

Gabriel Medina 285

A Burguesia Financeira em rede: as conexões dos grandes grupos financeiros brasileiros.

Robson Perez de Oliveira Junior 289

Directrices para autores/as 293

Resenha

Rodolfo Palazzo Dias. 2022

A Burguesia Financeira em rede: as conexões dos grandes grupos financeiros brasileiros.

Appris: 1º edição

O livro "A Burguesia Financeira em Rede: As Conexões dos Grandes Grupos Financeiros Brasileiros" produzida por Rodolfo Palazzo Dias é uma análise provocativa que promete evidenciar as intrincadas conexões entre as principais instituições financeiras do Brasil: Itaú, Unibanco, Bradesco, Safra e Votorantim. O autor se propõe a expor um sistema de poder e influência altamente interligado, desafiando a visão tradicional de que esses gigantes operam de forma isolada.

Desde o início, o autor deixa claro que a análise de redes será a principal ferramenta metodológica utilizada. Esta escolha não é meramente técnica, mas reflete a complexidade de estudar corporações que não se limitam a uma única entidade, mas que englobam uma multiplicidade de empresas interconectadas. A partir desse ponto, a obra já começa a instigar o leitor, ao prometer uma fusão de métodos, uma abordagem marxista com modelos analíticos empíricos, proporcionando uma visão mais realista das dinâmicas financeiras no Brasil, sem desvelar para ortodoxias analíticas.

O livro questiona a noção de que os grupos econômicos competem de maneira anárquica, sugerindo que, na verdade, eles estabelecem relações estáveis e duradouras. Essa perspectiva é provocadora, pois redefine a compreensão do mercado financeiro, que é geralmente percebido como um espaço de concorrência feroz. Ao invés disso, o autor propõe que há uma "transcendência de fração", onde as conexões entre os agentes econômicos formam uma rede complexa, unindo interesses e estratégias de diferentes grupos financeiros.

Outro aspecto instigante é como o autor justifica a supressão do termo "capital bancário" em favor de uma concepção mais ampla, a partir do uso do termo "capital financeiro", o que expande a análise e a torna aplicável a um espectro mais amplo de atividades econômicas. Esta escolha conceitual enriquece a obra, oferecendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas do capital no contexto brasileiro.

Ao utilizar a análise de redes, o autor não se limita a catalogar instituições e suas características, mas investiga as relações entre elas. Para o autor, compreender o movimento dos atores financeiros requer observar as interações desses grupos ao longo do tempo, o que revela a verdadeira natureza das conexões.

O livro não só desafia a percepção comum sobre o funcionamento dos grandes grupos financeiros, como também oferece novas ferramentas conceituais e metodológicas para a compreensão dessas dinâmicas. É uma obra que promete não apenas descrever o cenário financeiro brasileiro, mas instigar reflexões profundas sobre a natureza do poder econômico no país.

A história dos grupos financeiros brasileiros é marcada por transformações que vão além das meras dinâmicas de mercado, refletindo uma complexa rede de relações de poder, alianças estratégicas e intervenções estatais. Ao focar nos principais grupos financeiros —Itaú, Unibanco, Bradesco, Safra e Votorantim— o autor nos convida a explorar um mundo onde o capital não se move isoladamente, e isso começa com mais envergadura a partir da implantação do neoliberalismo no Brasil.

O conceito de neoliberalismo, central na análise, é introduzido de forma crítica. O autor opta por uma definição que, embora debatida e pouco pacificada, revela as práticas político-econômicas que moldaram o Brasil contemporâneo, especialmente a partir dos anos 1990. O neoliberalismo é descrito como uma teoria que propõe as liberdades empreendedoras individuais dentro de uma estrutura institucional robusta, caracterizada por direitos de propriedade privada, mercados livres e comércio aberto. No entanto, o autor reforça, essa transição no Brasil foi tardia e turbulenta, com resistências tanto das classes subalternas quanto de frações da burguesia que viram seus interesses ameaçados, como, por exemplo, partes importantes do setor produtivo nacional.

A análise histórica é particularmente instigante ao mostrar como o setor financeiro, em parceria com o Estado, conduziu a implementação do neoliberalismo no Brasil. Essa parceria, contudo, foi permeada por tensões, especialmente no contexto das décadas de 1980 e 1990. A centralização e concentração bancária, resultado de políticas econômicas deliberadas e privatizações, moldaram um ecossistema financeiro que, apesar das diferenças entre os grupos, compartilha uma interconectividade que transcende a simples competição de mercado.

A abordagem histórica também nos leva a questionar as diferenças e as estratégias divergentes de cada grupo financeiro. A heterogeneidade das trajetórias —desde a fundação dos bancos até seus processos de expansão e desenvolvimento tecnológico— coloca um desafio teórico: como mobilizar o conceito unificador de classe para compreender um universo tão diverso?

Aqui, a metodologia empregada pelo autor demonstra seu valor. A análise de redes, aplicada à história desses grupos, permite identificar pontos de conexão que, apesar das diferenças, revelam uma dinâmica comum. Esses momentos de intersecção sugerem que, embora a burguesia financeira brasileira seja diversa em suas origens e estratégias, ela opera como uma fração de classe coesa, com interesses alinhados e objetivos comuns no longo prazo. O desafio, no entanto, permanece: até que ponto essa coesão pode ser generalizada?

Os elementos constitutivos dos grandes grupos financeiros privados brasileiros, em interação, se configuram como uma fração de classe coesa, pelo menos em nível objetivo. Este nível de análise permite compreender como as pontes de contato entre os diversos grupos financeiros, ao longo do tempo, não só facilitam a interação entre os atores, mas também contribuem para a formação de laços que ultrapassam a simples lógica de concorrência, ainda que esta socialização seja predominantemente orientada por uma racionalidade individualista e maximizadora.

Um dos aspectos mais instigantes da pesquisa é a identificação de um processo de centralização no controle desses grupos entre os anos de 2002 e 2014. Este processo, conforme o autor demonstra, reflete uma expectativa futura de união entre os agentes econômicos, que começam a estabelecer relações sociais mais perenes e estruturadas. Essas relações, permeáveis e multifacetadas, não apenas sustentam a fração financeira em si, mas também criam uma base sólida para a unidade da burguesia como um todo, superando as barreiras específicas de cada grupo em suas atividades principais.

Os laços observados na pesquisa são construídos através de uma rede complexa de instituições envolvidas em atividades financeiras compartilhadas, evidenciando como as relações econômicas no processo de acumulação de capital são intrinsecamente interconectadas. Esse arranjo revela que a burguesia financeira brasileira, longe de ser um conjunto fragmentado de interesses, se consolida através da interpenetração de

relações acionárias e organizacionais que garantem a coesão e a expansão dessas entidades, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

Os resultados indicam que, apesar das diferenças nas estratégias e nas trajetórias de cada grupo, houve uma clara tendência à concentração e à construção de pontes entre essas entidades, o que lhes permitiu não só sobreviver, mas também prosperar em um ambiente econômico e político instável. A metodologia aplicada, centrada na análise de redes sociais (ARS), foi fundamental para capturar a complexidade dessas interações e demonstrar como a burguesia financeira no Brasil se constitui e se fortalece como uma unidade de classe, em um processo que envolve tanto cooperação quanto competição.

A obra proporciona uma compreensão mais profunda do papel das grandes corporações financeiras no Brasil, destacando sua capacidade de se adaptar e expandir em um contexto de mudanças econômicas globais e locais. Ao mapear essas conexões e examinar suas implicações, o autor oferece uma contribuição significativa para o estudo das elites econômicas no Brasil, lançando luz sobre as dinâmicas de poder que moldam o sistema financeiro nacional. A pesquisa não só atende às expectativas iniciais, como também abre novas possibilidades de investigação sobre a natureza do capital financeiro e sua influência nas estruturas sociais e políticas do país.

Robson Perez de Oliveira Junior¹

<https://orcid.org/0000-0002-5007-0053>

rob.perez.jr@hotmail.com

¹ Mestre e doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná.